

MARY SHELLEY

OBRA RECOMENDADA
Leitura
Autônoma
II.º ano

FRANKENSTEIN

Texto integral.

Tradução e prefácio de
Carla Maia de Almeida



 fábula

Índice

Prefácio

– 9 –

Primeira Carta

– 13 –

Segunda Carta

– 18 –

Terceira Carta

– 23 –

Quarta Carta

– 25 –

Capítulo 1

– 36 –

Capítulo 2

– 43 –

Capítulo 3

– 50 –

Capítulo 4

– 59 –

Capítulo 5

– 67 –

Capítulo 6

– 75 –

Capítulo 7

– 85 –

Capítulo 8

– 98 –

Capítulo 9

– 109 –

Capítulo 10

– 116 –

Capítulo 11

– 123 –

Capítulo 12

– 133 –

Capítulo 13

– 140 –

Capítulo 14

– 147 –

Capítulo 15

– 153 –

Capítulo 16

– 162 –

Capítulo 17

– 172 –

Capítulo 18

– 178 –

Capítulo 19

– 184 –

Capítulo 20

– 190 –

Capítulo 21

– 200 –

Capítulo 22

– 211 –

Capítulo 23

– 220 –

Capítulo 24

– 228 –

Continuação das cartas de Walton a sua irmã

– 238 –

Prefácio

Enquanto traduzia *Frankenstein*, o acaso levou-me a descobrir um *cartoon* engraçadíssimo. Vê-se uma figura algo sinistra, de pele esverdeada, a receber à porta de casa uma encomenda postal. Com ar sério e polido, responde ao rapaz que faz a entrega, ao mesmo tempo que aponta com o polegar para a esquerda: «Frankenstein mora ao lado. Eu sou o monstro de Frankenstein. É um erro comum.»

Ora aí está. Até a partir de um livro terrível se consegue inventar uma boa piada, embora o humor seja sempre seletivo. Afinal, *quem é Frankenstein?* Onde está o «erro comum» referido no *cartoon*? Para quem não leu o romance de Mary Shelley, agora integrado na Coleção Tesouros da Literatura, Frankenstein poderá ser o gigante assustador encarnado pelo ator Boris Karloff, pelo Lurch da família Addams ou pela adaptação mais fiel conseguida no filme de Kenneth Branagh. A personagem migrou do cinema para a televisão e para os desenhos

animados, chegou à banda desenhada e aos jogos de vídeo, reinventou-se na publicidade e permaneceu intacta enquanto mito literário, estatuto reservado aos grandes clássicos. Para uma personagem nascida em 1816, convenhamos que tem tido uma longevidade extraordinária (e não, não é graças à cosmética nem aos cuidados do rosto...).

Mas Frankenstein não é exatamente *Frankenstein*; e a ambiguidade começa no título. Nesta história genial, a criatura confunde-se com o seu criador, Victor Frankenstein, o jovem aspirante a cientista que junta e reanima pedaços de cadáveres, movido pela ambição de criar «uma raça superior» e de contribuir para o progresso da ciência. Ambição legítima, talvez, mas que se revelará fatídica.

Horrorizado com a primeira visão do «filho» que traz ao mundo, Victor Frankenstein foge e torna-se o pior dos pais possíveis, começando por negar um nome ao ser ao qual deu vida. Refere-se-lhe sempre como «a criatura», «o demónio», «o monstro», «o desgraçado» e «o inimigo», entre outros termos destituídos de compaixão. Num romance que explora os temas vitais do amor e da identidade, esta criatura sem nome nasce na ausência de uma mãe e vive sob o estigma de «filho de pai incógnito», o que explica o início da sua tragédia. Enjeitado por todos, em consequência da sua deformidade, cresce como um adolescente revoltado que não consegue pertencer a nada nem a ninguém. Onde é que já vimos isto?

Parece haver muito de autobiográfico nesta obra visionária que consagrou Mary Shelley (1797-1851), embora os estudiosos não se ponham de acordo, como é habitual. Facto é que Mary

perdeu a mãe poucos dias depois de ter nascido e manteve uma relação conturbada com o pai, sobretudo por causa do seu amor proibido com o poeta Percy Shelley, por quem se apaixonou à boa maneira romântica.

Recorde-se, a propósito, que a ideia de *Frankenstein* surge em pleno Romantismo, no cenário idílico das montanhas suíças, quando um pequeno e erudito grupo de amigos se reúne na *villa* de Lorde Byron. Será este a propor uma espécie de oficina de escrita criativa, como diríamos hoje, aproveitando o tempo fresco e chuvoso que não convida a passear. «Cada um de nós vai escrever uma história de fantasmas», conta Mary Shelley na introdução à segunda versão do livro, publicada em Londres em 1831. Nem todos os amigos tinham talento para a prosa, mas não era o caso de Mary. Apesar da imaginação teimar em aparecer, ela persiste e acaba por voltar a Inglaterra com o princípio de um livro que virá a ser um êxito. Terminá-lo-á um ano depois daquele verão chuvoso de 1816. Caso para dizer: bendita chuva.

Frankenstein é um livro terrível e maravilhoso; maravilhoso porque terrível. Mais do que uma obra de terror e *suspense*, justamente considerada precursora da ficção científica, é uma viagem às profundezas da alma humana e aos seus lugares mais obscuros e intocáveis. Falando pelas suas personagens, Mary Shelley fala-nos da morte e da finitude, do medo e do abandono, do orgulho e do egoísmo inerentes à condição humana. A própria autora exprime uma das perguntas que frequentemente lhe eram dirigidas: «Como é que eu, na altura uma jovem [tinha 19 anos], tive uma ideia tão hedionda e fui

capaz de desenvolvê-la?» Mistérios da literatura, mas também um caso de gênio e de força de vontade.

Editado pela primeira vez no início de 1818, *Frankenstein* completou há pouco 200 anos. Está vivo e recomenda-se. A «criatura» continua presente na nossa consciência individual e coletiva, sobretudo nos tempos conturbados que atravessamos. Todos os dias chegamos a notícias de avanços científicos e tecnológicos que questionam o nosso modo de sermos humanos... E a nossa humanidade parece quebrar-se num mar de gelo, como no final do romance.

Não teremos a obrigação moral de ser responsáveis por aquilo que criamos? Como podemos viver sem amor e sem comunidade? Serão os pobres e os refugiados os novos «filhos» de Victor Frankenstein? A tradução deste livro, nem sempre fácil, suscitou em mim muitas perguntas. Partilho da opinião, de resto bastante comum, de que a literatura é um caminho tão livre quanto tortuoso para a capacidade de pensar — mas também de desenvolver a empatia e a compreensão do *outro*. O outro que, por vezes, se nos afigura como o monstro, o inimigo, a criatura, o que não tem nome.

Se pudesse acrescentar uma dedicatória a este livro (perdoa-me a ousadia, querida Mary Shelley), seria esta: «A todos os que estão sós e desejam pertencer.»

Carla Maia de Almeida

Primeira Carta

Para a Sra. Saville, Inglaterra.

São Petersburgo, 11 de dezembro de 17_

Vais ficar contente por saber que nada de mau aconteceu nos primeiros passos da minha aventura, ao contrário do que tinhas receado. Querida irmã, cheguei ontem e devo começar por tranquilizar-te sobre o meu estado de saúde e assegurar-te a crescente confiança que tenho no êxito da minha missão.

Encontro-me já muito distante de Londres e, à medida que percorro as ruas de São Petersburgo, sinto no rosto a fria aragem do Norte, fortalecendo-me o espírito e enchendo-me de entusiasmo. Compreendes esta sensação? Este vento que veio do território para onde me dirijo dá-me uma antevisão daqueles climas gelados. Pleno de promessas, o vento inspira-me

quando sonho acordado e os meus planos tornam-se mais ardentes e vivos. Tento convencer-me de que o Polo Norte é a casa do frio e da desolação, mas não adianta. Na minha imaginação, é um lugar belo e esplendoroso. Ali, Margaret, o Sol é sempre visível. O seu círculo enorme, tocando o horizonte, espalha um brilho perpétuo.

Se mo permites, irmã, vou acreditar nos exploradores que me precederam. Segundo dizem, a neve e o gelo foram banidos dali. Ao navegar num mar calmo, podemos ser conduzidos a uma terra que ultrapassa em maravilhas qualquer região do mundo até agora descoberta. As suas riquezas e paisagens podem não ter paralelo, bem como os fenómenos celestes que costumam manifestar-se nas zonas inexploradas. Como não esperar tudo de uma terra onde a luz é eterna? Talvez ali possa descobrir o misterioso poder que atrai a bússola. Talvez possa apurar a verdade sobre milhares de observações celestes que só necessitam desta viagem para que sejam explicadas. Vou saciar a minha incrível curiosidade com a visão de uma parte do mundo nunca visitada, deixar o meu rasto num território intocado pela pegada humana.

Tudo isto me seduz quanto baste para afastar o medo da morte. Empreendo esta difícil jornada com a alegria de uma criança que parte em expedição rio acima, num pequeno bote, durante as férias, acompanhada pelos seus amigos e companheiros de viagem. Porém, mesmo que todas as minhas conjecturas sejam falsas, não podes negar o grande benefício que será para toda a Humanidade, até à última geração, se eu descobrir nos polos uma passagem para certas regiões que agora

demoram muitos meses a atravessar; ou se investigar o segredo do magnetismo, coisa que só será possível graças a uma iniciativa como a minha.

Estas reflexões dissiparam o nervosismo com que comecei a carta. Sinto o coração a arder com uma força que me eleva. Para tranquilizar a mente, nada melhor do que um objetivo definido, um ponto no qual a alma possa fixar o seu olhar pensante. Na minha infância, sonhei constantemente com esta aventura. Devorei os relatos de diversas viagens empreendidas na esperança de alcançar o norte do oceano Pacífico, sulcando os mares que rodeiam o Polo Ártico. Talvez te lembres de que essas histórias de viajantes constituíam uma grande parte da biblioteca do nosso querido tio Thomas. Apesar de a minha educação ter sido descuidada, eu era um leitor apaixonado. Dia e noite, estudava esses relatos; e quanto mais os lia, mais lamentava a decisão do nosso pai, que, na hora da sua morte, proibira o irmão de me deixar abraçar a vida de marinheiro.

Perdi de vista esse sonho quando comecei a ler os poetas que me arrebataram a alma e me levaram aos céus. Durante um ano, também eu fui poeta, vivendo no paraíso das minhas criações. Julguei que poderia obter um nicho no mesmo templo em que os nomes de Homero e Shakespeare tinham um lugar consagrado. Tu bem sabes como falhei e quão difícil me foi suportar essa desilusão. Mas, nessa altura, herdei a fortuna do nosso primo e isso fez com que voltasse o meu sonho mais antigo.

Passaram-se seis anos desde que me entreguei a esta grande aventura; ainda hoje consigo lembrar-me da primeira hora.

Para começar, tratei de enrijecer o corpo com trabalho duro. Juntei-me aos caçadores de baleias e a várias expedições aos mares do Norte. De livre vontade suportei o frio, a fome, a sede e a privação do sono. Durante o dia, muitas vezes trabalhei mais arduamente do que o comum dos marinheiros, passando as noites a estudar Matemática, Medicina e outros ramos das ciências exatas que trazem excelentes conhecimentos práticos a um navegador. Por duas vezes, empreguei-me como contramestre num baleeiro da Gronelândia e conquistei a admiração de todos. Confesso que me senti um pouco orgulhoso quando o capitão me ofereceu o posto de imediato e me rogou, com a maior sinceridade, que continuasse no navio, tal era a sua consideração pelos meus serviços.

E agora, querida Margaret, não merecerei alcançar um grande propósito? Teria podido viver na preguiça e no luxo, mas prefiro a glória a quaisquer tentações que a riqueza ponha no meu caminho. Oh, quem me dera ouvir uma voz encorajadora! Não que me falte determinação, mas por vezes perco a esperança e caio no desânimo. Estou prestes a embarcar numa viagem longa e difícil, e os imprevistos exigirão todas as minhas forças. Não só será meu dever encorajar os outros, como também cuidar para que o meu entusiasmo não esmoreça quando o deles faltar.

Esta é a melhor época para viajar na Rússia. Os trenós deslizam na neve com rapidez; na minha opinião, é muito mais agradável viajar assim do que nas diligências inglesas. O frio não é excessivo, desde que estejas bem protegido com peles, indumentária que já adotei. Há uma grande diferença entre

andar de um lado para o outro do convés e viajar sentado durante horas, privado do exercício que impede o sangue de gelar nas veias. Não quero perder a vida na estrada que liga São Petersburgo ao porto de Arcangel.

Partirei para lá dentro de duas ou três semanas. Em Arcangel, tenciono alugar um navio (o que não é difícil, desde que se pague o seguro ao dono) e contratar a tripulação necessária entre os marinheiros acostumados à pesca da baleia. Não penso embarcar antes de junho. Quando voltarei? Minha querida irmã, como hei de saber responder a tal pergunta? Se o conseguir, poderão passar muitos meses, anos, até ao dia em que nos voltaremos a encontrar. Se eu falhar, voltarás a ver-me brevemente — ou nunca mais.

Adeus, minha querida e maravilhosa Margaret. Que os céus te abençoem e me protejam. Para que eu possa, uma e outra vez, demonstrar a minha gratidão por todo o teu amor e bondade.

Teu querido irmão,

R. Walton

Segunda Carta

Para a Sra. Saville, Inglaterra.

Arcangel, 28 de março de 17_

Como o tempo passa devagar, aqui, cercado que estou pelo gelo e pela neve! No entanto, dei o segundo passo em direção ao meu objetivo: aluguei um navio e ando ocupado a recrutar marinheiros. Os que já estão contratados parecem-me homens de confiança e de uma coragem a toda a prova.

Mas sinto um apelo que não consigo satisfazer e que agora se tornou mais forte do que nunca: não tenho um único amigo, Margaret. Quando ficar radiante com os meus êxitos, não terei quem comigo partilhe a alegria; e se for assaltado pela tristeza, ninguém tentará reconfortar-me. Com certeza que

a escrita será minha confidente, mas escrever é um meio sempre pobre quando se trata de comunicar emoções. Precisava de alguém que me compreendesse só pelo olhar. Vais achar-me um pouco dramático, querida irmã, mas sinto terrivelmente a falta de um amigo por perto. Alguém que seja tranquilo e ao mesmo tempo corajoso, culto e competente. Alguém com quem sinta afinidades, alguém capaz de me incentivar e de me criticar.

Um amigo assim colmataria os defeitos do teu pobre irmão! Sou demasiado impulsivo na ação e demasiado impaciente perante os obstáculos. O pior de tudo foi o ter sido o meu próprio professor. Até aos 14 anos, cresci à solta como um animal selvagem, lendo apenas os livros de viagens do nosso tio Thomas. Nessa idade, li também os poetas mais famosos do nosso país, mas quando percebi que daí já não podia tirar qualquer benefício, tive a necessidade de aprender outras línguas. Agora, com 28 anos, acho-me menos instruído do que muitos rapazes de 15. É verdade que penso mais do que eles e que os meus sonhos são mais vastos e profundos; mas precisam de ser «definidos», como dizem os pintores. Necessito realmente de um amigo que tenha o indispensável bom senso para não troçar do meu romantismo e que nutra por mim o afeto suficiente para tentar moderar os meus pensamentos.

Enfim, estas queixas são inúteis. De certeza que não vou fazer amigos em alto-mar, nem aqui em Arcangel, entre comerciantes e marinheiros. Apesar de tudo, até nestes corações rudes há sentimentos que podem parecer estranhos

à ralé da espécie humana. O meu imediato, por exemplo, é um homem de enorme coragem e intrepidez, obcecado pela glória; ou pelo avanço da sua profissão, para ser mais rigoroso. É inglês; e apesar dos seus preconceitos nacionalistas e profissionais, que nem a educação demoveu, tem algumas das melhores qualidades humanas que já vi. Travei conhecimento com ele a bordo de um baleeiro. Ao descobrir que estava desempregado, facilmente o convenci a apoiar-me na minha aventura.

O mestre tem um temperamento excelente e faz-se notar a bordo pela bondade e disciplina moderada. Juntando isto à sua reputada integridade e coragem, senti uma grande vontade de o chamar. Passei a juventude em solidão e os meus melhores anos sob a tua proteção tão gentil e feminina. Assim forjei os alicerces do meu caráter, de tal forma que não suportaria a brutalidade usualmente exercida nos navios, tão-pouco acredito que seja necessária. Quando ouvi falar de um marinhheiro conhecido pelo seu bom coração, e, ao mesmo tempo, por ser respeitado e obedecido, senti-me especialmente feliz por poder contratar os seus serviços.

Ouvi falar dele, primeiro, pela história romântica de uma mulher que lhe deve a felicidade. Resume-se desta maneira: há alguns anos, o mestre apaixonou-se por uma rapariga russa de fortuna razoável. O pai dela autorizou o casamento, visto que ele juntara uma soma considerável de dinheiro. Encontrou-se com a noiva apenas uma vez antes da cerimónia. Ela, banhada em lágrimas, atirou-se aos seus pés e suplicou-lhe que a poupasse, confessando que amava outro homem... Mas esse tal

homem era pobre e o pai jamais consentiria na união. O meu generoso amigo tranquilizou a rapariga e, depois de saber o nome do seu amado, desistiu de casar com ela. Já tinha comprado uma quinta onde tencionava passar o resto da vida, mas ofereceu-a ao rival, bem como uma soma de dinheiro destinada a comprar gado. Em seguida, foi ele próprio pedir ao pai da rapariga que desse autorização para o casamento. O velho recusou liminarmente, sentindo-se preso ao meu amigo por vínculos de honra. Como nada o demovia da proibição, o meu amigo saiu do país, só regressando quando soube que a antiga noiva estava casada e feliz com o seu amado.

«Que nobreza de caráter!», dirás tu. Não haja dúvida, e estamos a falar de alguém sem instrução. É silencioso como um turco e aparenta um ar de indiferença e ignorância perante as coisas, o que o torna menos simpático aos olhos dos marinheiros. Daí que aquele gesto tão generoso seja ainda mais surpreendente.

Queixo-me um pouco, mas não deduzas por isso que vacilo nos meus intentos. São tão certos como o destino. A viagem está apenas adiada até ao momento em que o clima permita que embarquemos. O inverno tem sido terrivelmente duro, mas a primavera promete e deverá chegar em breve, de modo que talvez possa partir mais cedo do que o previsto. Não vou fazer nada de precipitado. Conheces-me o suficiente para confiar na minha prudência e cuidado, sempre que a segurança de outras pessoas está a meu cargo.

Não consigo descrever-te o que sinto ao ver aproximar-se a minha empreitada. É impossível dar-te uma ideia desta

ansiedade que me percorre o corpo — umas vezes agradável, outras, temerosa —, agora que me preparo para partir. Vou para regiões inexploradas, para o «país da neve e do nevoeiro»; mas não matarei nenhum albatroz, por isso não te angusties com a minha segurança nem receies que volte tão gasto e desgraçado como o «Velho Marinheiro». Sei que isto te faz sorrir, mas vou contar-te um segredo: sempre atribuí a minha ligação e paixão pelos mistérios perigosos dos oceanos aos versos do mais imaginativo dos poetas modernos. Há qualquer coisa que se agita na minha alma e que não compreendo. Sou um homem trabalhador, incansável, persistente, esforçado... mas também sinto amor pelo maravilhoso... e a crença no maravilhoso está presente em todos os meus projetos, esses que me impelem para longe dos caminhos comuns dos homens, até mesmo para o mar tormentoso e para as regiões desertas que estou prestes a explorar.

Voltando a considerações mais afetuosas: tornarei a ver-te após atravessar o imenso oceano e regressar pelo extremo sul de África ou da América? Não me atrevo a adiantar esse êxito, mas também não admito o contrário. Por enquanto, continua a escrever-me sempre que tenhas oportunidade. Pode ser que as tuas cartas cheguem justamente naqueles momentos em que mais preciso de ânimo. Amo-te ternamente. Se nunca mais ouvires falar de mim, recorda-me com carinho.

Teu querido irmão,

R. Walton

Terceira Carta

Para a Sra. Saville, Inglaterra.

7 de julho de 17_

Minha querida irmã,

Escrevo estas poucas linhas à pressa só para te dizer que estou bem e que a viagem continua a bom ritmo. Esta carta chegará a Inglaterra através de um comerciante que está de regresso a Arcangel; e mais feliz do que eu, que talvez não volte a ver a minha terra natal senão daqui a muitos anos. Apesar de tudo, sinto-me animado: os meus homens são valentes e decididos; e nem os blocos de gelo que flutuam à nossa volta, anunciando os perigos da região para onde vamos, parecem desmoralizá-los. Já avançámos muito em latitude. Estamos no pino do verão e os ventos do sul, embora menos quentes

que em Inglaterra, empurram-nos a toda a velocidade para as margens que tanto desejo alcançar, trazendo uma brisa inesperadamente renovadora.

Até agora não sofremos incidentes que justifiquem ser aqui descritos. Uma ou duas rajadas fortes e uma fuga de água são episódios que marinheiros com experiência mal se lembram de contar, e ficarei contente se nada pior nos acontecer ao longo da viagem.

Adeus, minha querida Margaret. Podes ter a certeza de que não afrontarei o perigo, tanto por mim como por ti. Serei racional, persistente e prudente.

A minha aventura *terá* êxito. Porque não? Até onde cheguei, traçando um caminho seguro pelo mar informe, tenho as estrelas como testemunhas do meu triunfo. Porque não hei de continuar a vencer este elemento indomável, mas obediente? Quem pode parar o coração decidido e a vontade férrea de um homem?

O meu coração transbordante procura o teu, sem querer. Mas devo terminar aqui. Que o céu te abençoe, minha querida irmã!

R. W.

Quarta Carta

Para a Sra. Saville, Inglaterra.

5 de agosto de 17_

Aconteceu-nos algo tão estranho que não posso deixar de contar-te, ainda que provavelmente me vejas antes de esta carta chegar às tuas mãos.

Na passada segunda-feira, 31 de julho, ficámos praticamente bloqueados pelo gelo, a ponto de o navio mal conseguir flutuar. A nossa situação era bastante perigosa, sobretudo porque estávamos cercados por um nevoeiro muito espesso. Mantivemo-nos na expectativa, aguardando que as condições do clima e da atmosfera melhorassem.

Por volta das 2 horas, o nevoeiro levantou-se e pudemos ver, a toda a volta, vastas e irregulares planícies de gelo que

pareciam não ter fim. Alguns dos meus companheiros lamentaram-se e eu próprio fui assaltado pela ansiedade. De súbito, um objeto estranho chamou-nos a atenção e desviou-nos dos nossos pensamentos. A menos de um quilómetro de distância, dirigindo-se para norte, avistámos um trenó puxado por cães. A conduzi-lo, ia uma figura de aparência humana, mas gigantesca. O viajante avançava a toda a velocidade e seguimo-lo com o binóculo até ele se perder nas fragas distantes do gelo.

A aparição assustou-nos tremendamente. Julgávamos estar a centenas de quilómetros de terra firme, mas isto parecia demonstrar-nos o contrário. Contudo, cercados pelo gelo, era-nos impossível seguir-lhe o trilho, apesar de o termos observado com a maior atenção.

Cerca de duas horas depois, ouvimos o rugido do mar por baixo dos nossos pés. Antes da chegada da noite, o gelo partiu-se e libertou o navio. Deixámo-nos ficar ali até de manhã, com receio de embater, no escuro, contra as massas de gelo que costumam andar à deriva quando a crosta se quebra. Aproveitei esse tempo para descansar algumas horas.

Mal amanheceu, subi ao convés e encontrei todos os marinheiros debruçados no mesmo lado do navio, aparentemente a falar para alguém que estava no mar. Era, de facto, um trenó igual ao que víamos antes. Durante a noite, um largo bloco de gelo tinha-o trazido para junto de nós. Apenas sobrevivera um dos cães, mas havia também um ser humano. Os marinheiros tentavam convencê-lo a subir a bordo.

O outro viajante que avistáramos na véspera tinha-nos parecido um habitante indígena de uma qualquer ilha inexplorada, mas este era um europeu. Quando apareci no convés, o imediato afirmou:

— Aqui está o nosso capitão, e ele não o vai deixar morrer no mar alto!

Ao ver-me, o desconhecido falou-me em inglês, ainda que com sotaque:

— Antes de subir a bordo do vosso navio, quer ter a amabilidade de me dizer para onde vai? — perguntou.

Podes imaginar o meu espanto quando ouvi aquela pergunta! Para um homem em perigo de vida, seria natural que o meu navio lhe parecesse um recurso mais importante do que qualquer bem do mundo terreno. Respondi-lhe, no entanto, que íamos em viagem de exploração ao Polo Norte. Sabendo isto, pareceu satisfeito e consentiu em subir a bordo. Meu Deus! Margaret, se tivesses visto aquele homem que tanto hesitara em receber ajuda, terias ficado atónita. Os braços e as pernas estavam quase gelados, o resto do corpo, horrivelmente emagrecido pelo cansaço e sofrimento. Nunca tinha visto um homem em tão mísero estado. Tratámos de o abrigar num camarote, mas assim que deixou de sentir o ar livre, desmaiou. Voltámos a levá-lo para o convés e conseguimos reanimá-lo, esfregando-lhe a pele com brandy. Demos-lhe também um pouco a beber. Assim que reagiu, embrulhámo-lo em cobertores e pusemo-lo perto do fogão da cozinha. Pouco a pouco, reanimou-se, com a preciosa ajuda de uma sopa.

Passaram-se dois dias até que voltasse a falar. Muitas vezes receei que os seus tormentos lhe tivessem perturbado a razão. Quando ficou razoavelmente restabelecido, trouxe-o para o meu próprio camarote e cuidei dele, dentro do que as minhas responsabilidades permitiam.

Nunca conheci ninguém tão interessante: os olhos têm uma expressão alucinada (louca, até), mas quando o tratamos com gentileza ou lhe prestamos a mais pequena ajuda, é como se o rosto se iluminasse de uma bondade e uma doçura como nunca vi. Porém, anda quase sempre triste e desesperado. Por vezes range os dentes, como se não aguentasse o peso dos males que o afligem.

Quando o meu hóspede recuperou, deu-me muito trabalho evitar que os marinheiros o incomodassem. Tinham mil e uma perguntas para lhe fazer, mas eu não queria que o atormentassem com curiosidades vãs. É evidente que tanto o seu corpo como o espírito precisam de absoluto repouso para se restaurar.

O certo é que, numa ocasião, o imediato perguntou-lhe porque se tinha aventurado até tão longe e num veículo tão estranho. O rosto dele cobriu-se da mais profunda tristeza.

— Para procurar alguém que fugiu de mim — respondeu.

— E esse alguém viajava do mesmo modo?

— Sim.

— Então suponho que o vimos, porque um dia antes de o recolhermos a si, avistámos outro homem que cruzava o gelo num trenó puxado por cães.

Uma obra fantástica, precursora da ficção científica, com personagens inesquecíveis.

Victor Frankenstein é um jovem fascinado pelas ciências naturais e tem o sonho de conseguir fazer algo considerado impossível: criar um ser humano em laboratório. Frankenstein começa a trabalhar em segredo neste projeto, recolhendo partes de corpos de defuntos em cemitérios, até dar vida a uma criatura. Mas, quando a vê, assusta-se com a sua fealdade e imprevisibilidade. Arrepende-se do que fez e abandona-a.

A criatura refugia-se na floresta e vive em sofrimento perante o isolamento a que está sujeita. Todos se afastam deste monstro, que não consegue despertar simpatia e bondade nas pessoas. Acaba assim por desenvolver um mau temperamento, que o vai tornar violento, e persegue Frankenstein, o seu criador, até ao fim da vida.

«Editado pela primeira vez no início de 1818, *Frankenstein* completou há pouco 200 anos. Está vivo e recomenda-se. A “criatura” continua presente na nossa consciência individual e coletiva, sobretudo nos tempos conturbados que atravessamos. Todos os dias, chegam-nos notícias de avanços científicos e tecnológicos que questionam o nosso modo de sermos humanos...»

in Prefácio de Carla Maia de Almeida

A **Coleção Tesouros da Literatura**, da qual este livro faz parte, oferece uma cuidada seleção de obras fundamentais da Literatura Universal, muitas das quais são recomendadas pelas **Metas Curriculares de Português** e pelo **Plano Nacional de Leitura**.



Penguin
Random House
Grupo Editorial

Literatura Juvenil

 penguinlivros.pt
  penguinkidspt

15+

ISBN 9789895640287



9 789895 640287 >